

carta

das Equipas de Nossa Senhora

TRIMESTRAL | JULHO

N.º 81/ 2023

Servir a exemplo de Maria!

- Ecos da Supra-Região:
"Ouvindo os Equipistas"
e a caminho de Turim 2024
- Entrevista a D. Nuno Almeida:
"O amor é um serviço
humilde"
- A internacionalidade
no Movimento das ENS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA





Índice

EDITORIAL | 03

ECOS DA SUPRA-REGIÃO

Mensagem do conselheiro espiritual da Supra-Região | 05

Mensagem do casal responsável da Supra-Região | 07

Mensagem do casal responsável pelo Secretariado | 21

Província Norte | 24

Província Sul | 26

SERVIR A EXEMPLO DE MARIA

Entrevista a D. Nuno Almeida, Bispo da Diocese de Bragança-Miranda | 30

O caminho sinodal e as famílias | 33

Obrigado Aveiro 6 - Magnificat! | 41

O serviço como Intercessores | 42

Pensamento do Padre Caffarel | 44

CORREIO DA ERI - A internacionalidade no Movimento das ENS

Mensagem do Conselheiro Espiritual da ERI | 46

Mensagem do Casal Responsável para a Zona Europa-Central | 48

PARTIRAM PARA O PAI | 54



**Marta e Gonçalo
Castilho dos Santos**
Casal Responsável da Comunicação
Equipa Queijas 2

Caros amigos,

É com alegria “de pressa no ar”, logo-depois da graça buliçosa da Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, que vos escrevemos este editorial de mais uma Carta da nossa querida Supra-Região Portugal. Dirigimo-nos a vós, precisamente, a partir do mote-desafio desta 81.ª Carta: “Servir a exemplo de Maria”. Convidamos-vos, portanto, a deixarmo-nos conduzir, pela mão e de coração, pelo exemplo de Maria, encarnado no serviço de tantos cristãos e que, nesta Carta, procuramos ilustrar por entre testemunhos de vida, de serviço nas ENS e na própria Igreja, pois claro, de formação e de voltar à fonte do carisma do nosso Fundador.

Logo depois dos Ecos da Supra-Região, desta vez pautados pela rotatividade no serviço na Supra-Região, esperamos que deixem, também, ressoar em vós as palavras belíssimas do Senhor D. Nuno Almeida, muito recentemente a iniciar o seu serviço episco-

pal na Diocese de Bragança-Miranda. Muito obrigado, D. Nuno, por nos ter dado a honra de uma tão profunda e interpelante entrevista! Encontrarão, ainda, no dossier temático desta edição da Carta o riquíssimo testemunho de uma equipa no seu percurso de sinodalidade em e para a família, bem como um emocionante texto de “até sempre” da parte da equipa Aveiro 6. Bem hajam todos.



EDITORIAL

Retomamos, nesta edição, o exemplo de serviço da rede de oração dos Intercessores e redobramos a atenção, em torno do pensamento do Padre Caffarel, quando confirmamos que somos convidados a fazer sempre “pequenas grandes coisas”, a exemplo de Maria!

Por fim, a caminho do Encontro Internacional das ENS, já no próximo ano, em Turim (o período para as inscrições já está a decorrer, não de atrasem no registo da vossa participação!), não deixem de ler, a partir do Correio da ERI, dois textos alusivos à internacionalidade no nosso Movimento.

Terminamos, com estas linhas, o nosso serviço, ao longo dos últimos cinco anos, como casal responsável da comunicação na nossa Supra-Região. Agradecemos de coração a todos os que partilharam connosco este percurso tão desafiante, mas

também tão enriquecedor (foi um privilégio trabalhar de perto com o Colégio e tantos responsáveis de sector!), deixando um bem-haja especial à Margarida e ao José Alberto pelo convite e pela confiança (cheia de santa paciência!) que nos dirigiram para esta missão. Um profundo obrigado também à Cristina e ao Paulo, à Cátia e ao Yves da nossa equipa base, ao secretariado nacional e ao incansável Padre Nuno Rocha, a todos pelas abundantes e incansáveis entreajudas ao longo destes anos, que passaram a correr. Um abraço de boas vindas, claro, à nova equipa de comunicação na Supra-Região, que agora inicia o seu serviço – contem connosco e, por certo, com esta grande equipa que são os fantásticos equipistas da Supra-Região Portugal!

Até breve!



**Pe. Nuno Rocha**

Conselheiro Espiritual da Supra-Região | Equipa Póvoa 11

Em atitude de serviço

Serviço implica sempre a atitude de “sair de si” para chegar ao outro com gratuidade...

Recebeste de graça, dai de graça. A gratuidade que deve pautar a generosidade de cada um: tal como o Senhor nos dá tanto, assim nós devemos comunicar e fazer frutificar os dons recebidos.

Maria foi saudada através daquilo que Deus lhe concedeu – Gratia Plena! Nada poderia ficar com ela... ela é graça para doar: doar o Filho de Deus ao mundo, doar cada um de nós, seus filhos gerados na fé, ao seio do Pai.

É no Sim de Nossa Senhora que se dá o momento decisivo da história da salvação, pois nele o próprio Deus “espera” acolhimento para penetrar na nossa humanidade. Que bela imagem podemos conceber quando invocamos – Nossa Senhora do SIM! Sim que, por Maria, nos faz Deus em nós! Nas limitações de cada um de nós, abrir o entendimento à dinâmica deste sim, torna-nos capazes e disponíveis para seguir em frente ao en-

contro dos que nos são confiados, a começar pelos da nossa casa, família, comunidade. É em atitude de serviço que sintonizamos com a realidade que nos rodeia, onde principalmente estaremos mais despertos para os mais frágeis e necessitados, dentro e fora de casa.



Neste serviço ao jeito de Maria resalta o MAGNIFICAT – itinerário que nos ensina e mostra como ao longo da sagrada escritura Deus vai-se revelando aos humildes e neles realizando as suas maravilhas, como o fez nesta nossa Mãe. Cada vez rezado, com alma e coração, abre-nos às potencialidades do sim que também deve ser contínuo no nosso ser e agir.

ECOS DA SUPRA-REGIÃO

Servir a exemplo de Maria é viver plenamente o Evangelho: a Palavra proclamada e escutada vai tomando ser em nós, ocupando o lugar da urgência de ser anunciada ao outro. Em nada vemos Nossa Senhora a escapar-se a esta missão porque a sua vida foca-se apenas e só em cumprir a vontade do Senhor. Lembramos, por isso, o lema – por Maria até Jesus – com Ela, nossa Mãe, nada acontece sem que nos leve até Jesus e passe por Jesus. E com Jesus nada fica retido, tudo é doação de uma vontade em cumprimento.



É neste cumprimento da vontade de Deus que somos desafiados a avaliar o nosso serviço. Impõe-se, por isso, a questão: porquê servir? Quando olho à minha volta e vejo os que são servidos ou esperam ser servidos, porque não esperar eu para ser servido também? Julgo que a resposta, na medida das nossas experiências, só poderá seguir um caminho: sirvo porque amo! Porque só o amor nos faz ver os outros e perceber que a minha vida foi feita para estar com os outros na medida dos dons que me foram concedidos. E porque são dons, não posso ficar com eles. Tenho de os colocar ao serviço dos outros. Assim, saberei sempre quem sou e qual a missão que me foi confiada ao ser-me dada a vida.

Deste modo, podemos afirmar que o serviço configura a nossa identidade, isto é, somos aquilo que nos foi e é confiada, e que, por sua vez, não fica retido em nós, mas se expande e se manifesta aos outros numa dívida sempre renovadora do ser. Na cena do calvário, quando Jesus nos dá a Sua Mãe, na pessoa do discípulo amado, desperta-nos a identidade de filhos. Filhos no Filho, a Mãe conduzir-nos-á também à doação plena, que nos vem da gratia de Deus.

Que Maria, Mãe do Evangelho e nossa Mãe, nos motive para um sempre e renovado impulso missionário.



Margarida e José Machado da Silva

Casal Responsável da Supra-Região Portugal | Equipa Póvoa 12

Fazei o que Ele vos disser

As Equipas de Nossa Senhora têm como objetivo central ajudar os casais a viverem plenamente o seu sacramento do matrimónio apoiados numa enriquecida espiritualidade conjugal. É um Movimento Cristológico, isto é, que segue a pessoa e a obra de Jesus Cristo inspirado pelo exemplo maior de Maria. “O Movimento é colocado sob a proteção de Maria, porque ela conduz a Cristo que é o centro da vida espiritual dos casais. Pela sua submissão à vontade de Deus, Maria é para eles um exemplo perfeito de disponibilidade e docilidade ao Espírito Santo.” [Guia das ENS, 2018].

Que exemplo este que passados dois mil anos guia e faz mover tantos homens e mulheres, jovens, casais, religiosos católicos e não só. Para estes, o testemunho de mulher de profunda fé, humildade e obediência e devoção a Deus continua a ser inspirador e marcante. Embora vivamos num tempo marcado por mudanças profundas em termos sociais, culturais e de avanços tecnológicos, a mensagem e os valores transmitidos por Maria encontram eco em diferentes contextos e culturas.

Mateus, Marcos, Lucas e João legaram à humanidade o testemunho e o exemplo de Maria. No seu encontro com o anjo Gabriel, na Anunciação de que conceberia um filho pelo Espírito Santo, demonstra a sua confiança no plano de Deus, apesar do inesperado e extraordinário da notícia. Com a resposta, “Faça-se em mim segundo a Sua palavra”, mostra a sua atitude de escuta de e aceitação da vontade de Deus. Na Natividade, o nascimento de Jesus em condições humildes e a assunção do seu papel como mãe do Filho de Deus ilustram a sua fé e confiança na providência de Deus e relevam o seu compromisso inabalável de acolher e cuidar de Jesus. Na apresentação de Jesus no Templo, as profecias de Simeão e Ana têm implícita a disposição de Maria aceitar os desafios e alegrias que viveria como mãe do Messias. A intercessão de Maria nas bodas de Caná mostra o seu cuidado pelos outros e o seu papel como mediadora. A sua presença ao pé da cruz durante a crucificação de Jesus demonstra o seu imenso amor e força, ainda que em grande sofrimento. Depois disso, ao testemunhar a

ECOS DA SUPRA-REGIÃO

ressurreição e ao permanecer com os discípulos, renova o seu Sim, a sua fé em Deus e a dedicação à missão do seu filho.

Escutar, acolher, partir (indo ao encontro), e servir marcam a vida e testemunho de Maria, e é um legado que os casais das ENS devem assumir para viverem plenamente o seu sacramento do matrimônio.

“É a Maria, cheia de graças, que devemos pedir a graça da inocência do olhar. Ela nada pode recusar à nossa confiança infantil, porque nos ama com ternura, vendo em cada um de nós, mesmo que fôssemos os piores pecadores, uma beleza da qual talvez tenhamos perdido até a memória: esta imagem de Deus, indelével, mas mais ou menos soterrado e que exige uma grande pureza de olhar para ser descoberto” [Padre Henrique Caffarel].



Escutar, Acolher, Sair e Servir

Queridos amigos, neste tempo de término do nosso serviço na Supra-Região, é hora de fazer o balanço do que fizemos para escutar, acolher, sair e servir em nome do Senhor que nos convidou a segui-lo sem olhar para trás “Quem olha para trás, depois de deitar a mão ao arado, não é apto para o Reino de Deus.” [Lc 9, 62].

Quanta vontade de olhar para trás quando os desafios nos pareciam demasiado altos e os obstáculos intransponíveis. Foi nestas alturas de tentação de olhar para trás, que mais sentimos a imensidão do Amor do Pai, da Presença do Filho, da Graça do Espírito Santo e da ternura de Maria e José. Neste tempo de serviço fizemos o esforço pessoal e conjugal de Escutar, Acolher, Partir e Servir.

Escutar

Na convicção de que no fim de cada serviço/responsabilidade “Só o Amor permanece eternamente” tentamos exercitar a nossa capacidade de escuta da Palavra de Deus, dos acontecimentos e da maravilha da colegialidade, identitária do Carisma do nosso Movimento.

O exercício da escuta de Deus, de si próprio, do seu cônjuge, da sua equipa permite que o equipista assuma como implícita a atitude de relacionamento em que a escuta se sobrepõe ao querer a sua própria vontade.

No serviço, este só tem sentido se a nossa atitude for de verdadeira escuta do que o Senhor nos pede, mesmo que a Sua vontade não seja bem igual à nossa.

Acolher

Acolher todos sem nunca desviar o olhar de cada um, é outro exercício que tivemos de fazer. Daí termos referido frequentemente a importância da unidade na diversidade. As ENS são um movimento de rostos e olhos nos olhos porque em Deus todos somos únicos e irrepetíveis. Estamos cada vez mais convictos de que o “como” fazemos é mais importante do que o que “fazemos”. *O Senhor deu-nos o exemplo, “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição. Porque em verdade vos digo: até que passem o céu e a terra, não passará um só jota ou um só ápice da Lei, sem que tudo se cumpra.” [Mt 5, 17-18].*

Acolher e cuidar do carisma e a pedagogia do Movimento é cuidar do legado de quem nos antecedeu e dar oportunidade a que esse tesouro chegue mais longe e cumpra a ação do Espírito Santo. *“O vento sopra onde quer, e ouve-se o barulho que ele faz, mas não se sabe de onde ele vem, nem para onde vai. A mesma coisa acontece com todos os que nascem do Espírito” [Jo 3,8].*



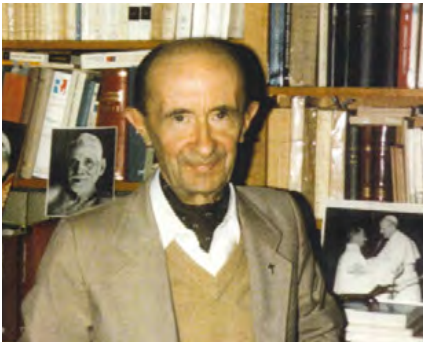
Partir

“Maria levantou-se e partiu apressadamente” [Lc 1, 39]

Esta atitude de partida que implica saída em direção a algo, não está associada só ao serviço, mas também à participação naquilo que o Movimento nos propõe e deve ser a atitude habitual na nossa vida de cristãos. Os **Retiros**, as **Formações**, os **Encontros Nacionais** e, em 2024, o **Encontro Internacional de Turim**, são formas de saída que nos enriquecem e preparam para a missão onde quer que ela seja. Consideramos que, como equipistas, temos de fazer um esforço por sair do “espaço familiar” da nossa equipa de base e participar nas atividades mais alargadas que o Movimento nos proporciona. Se temos um tesouro nas mãos e no coração, o que o Senhor nos pede é que saíamos a mostrá-lo ao mundo sem receios, nem pudores.

Servir

Toda a riqueza deste amor de Deus que mostramos nos espaços que habitamos, só tem sentido se nos levar ao serviço e é isso mesmo que vos convidamos a fazer dentro e fora das ENS. É muito bom estarmos no aconchego da nossa equipa, cumprirmos as “regras” do Movimento etc., mas isso não chega.



O Pe Henry Caffarel alertou para o risco do *“legalismo” do “fazer”, do “cumprir” as regras, aos métodos, a pedagogia, ao invés de “vivê-las” e, acima de tudo, com “caridade.”* » [Boletim dos Amigos do Pe. Henry Caffarel, nº 25, janeiro 2020] *“O que se deve temer é que a prática da Regra se torne um fim, um ideal, um teto. E que os membros das equipas venham a achar que a perfeição cristã consiste pura e simplesmente em respeitar as obrigações; e por consequência a facilidade e a possibilidade de chegar à perfeição mediante alguns esforços; o contentamento consigo mesmo, a boa*

consciência. O sentimento de ser um “justo”... Quem não vê o perigo desse estado de espírito?”

Hoje mais do que nunca somos convocados pelo Senhor para estarmos ao serviço. Digamos sim às responsabilidades nas ENS, na Igreja e na vida civil.

Ao terminar este tempo de responsabilidade na Supra-Região só podemos dizer que o Senhor derramou sobre nós uma torrente de graças que jamais pensaríamos ter. Percebemos finalmente esta palavra da Sagrada Escritura – *“Assim, também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer.”* [Lc 17, 10].

Muito obrigado a todos os que nos ajudaram a cumprir a nossa missão, rezando e trabalhando connosco para que o sonho de Deus para as ENS ficasse escrito no céu. *“Contudo, não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu.”* [Lc 10, 20].

À Fátima e ao António Carioca agradecemos a disponibilidade e generosidade do seu Sim, de aceitarem ser os novos responsáveis da Supra-Região Portugal. Que o Senhor, pelas mãos de Maria e José, abençoe o vosso serviço.



Ouvindo os Equipistas

O texto seguinte foi adaptado de um trecho do trabalho "Ouvindo os Equipistas" desenvolvido pela Equipa Satélite Pesquisa e Reflexão da ERI. É inspirado na motivação do Pe. Henri Caffarel que disse "Isto é, que procurassem uma renovação e um renascimento, a partir da reflexão e da pesquisa sobre as necessidades dos seus membros, de molde a corresponderem às exigências do tempo atual e futuro."

A Equipa Responsável da Supra-Região (SR) Portugal tenciona implementar o inquérito que foi já testado nas SRs Colômbia e Brasil. Este texto é publicado como um 'prefácio' ao seu lançamento, como preparação e motivação a uma grande adesão.

1. Antecedentes Importantes

Diversos documentos apresentados pela ERI desde 2015, por ocasião do III Encontro Internacional de Casais Responsáveis Regionais, mas especialmente no Encontro Internacional de Fátima 2018, deixam claro que o "mundo em transformação interpela o Movimento das ENS". Estes documentos fazem uma reflexão sobre os grandes desafios que se colocam para as ENS no momento presente, a partir da seguinte pergunta: em que direção deve o Movimento avançar, mantendo sempre a fidelidade ao seu carisma?

O Pe. Caffarel, no seu discurso de Chantilly, em 3 de maio de 1987, ao tratar do carisma fundador das ENS, e considerando que as "lideranças" (responsáveis regionais da Europa) lhe pediam para falar sobre como empreender um "**aggiornamento**" (atualização) depois de 40 anos de Movimento, lembrou que tal deveria ser feito a todo o momento "a partir da reflexão e da interrogação sobre as necessidades dos seus membros, de molde a corresponderem às exigências do tempo atual e futuro".

Mais adiante torna ainda mais clara esta recomendação: "Quando se propõe um '**aggiornamento**' como vocês pretendem, é preciso respeitar uma grande lei. Aliás, não somente nos momentos decisivos, mas em todo o

decurso da sua evolução. Por um lado, quanto aos dirigentes, é preciso que estejam sempre muito em contacto com as bases. É por isso que, quando uma ordem religiosa faz um *'aggiornamento'*, se consultam todos os membros da ordem. É muitas vezes na base que o carisma fundador foi conservado com uma certa pureza. Mas, por outro lado, é preciso estar muito em contato com a base para lhe transmitir o que nós compreendemos, o que a cabeça compreende. É sempre muito grave quando há uma distância entre a cabeça e os membros. É um problema muito difícil, de que me apercebi nas ENS. Houve um tempo em que eu estava todos os quinze dias, ou todos os meses, em contato com todos os casais responsáveis. E, evidentemente, era um contacto muito direto. Mas depois, pouco a pouco, toda uma hierarquia foi organizada e, nestas condições, o contacto é muito mais difícil de se estabelecer. Mas é preciso procurá-lo, custe o que custar”.

Ao longo dos anos, o Pe. Caffarel empreendeu e realizou diversas pesquisas, que foram fundamentais para compreender a “caminhada espiritual” que os casais equipistas estavam a fazer, ao ponto de apresentar algumas classificações, até hoje muito utilizadas no Movimento das ENS, em função de seus es-

critos, análises e interpretação dos resultados.

Nessas classificações põe em contraponto diversas circunstâncias que podem caracterizar de algum modo, a realidade concreta da vida do Movimento. São elas:

- Casais iniciando a sua vida cristã vs. casais vivendo já uma maturidade espiritual.
- Casais que vivem uma “tibieza espiritual” vs. casais que apresentam sinais de esclerose, de envelhecimento espiritual.
- Casais que vivem no “jardim de infância” em termos de espiritualidade vs. casais que reconhecem que estão numa “escola de perfeição cristã”.
- Casais que se incrustam no Movimento e usam os PCEs como limite (máximo) vs. casais que caminham em frente (“são buscadores de Deus”).
- Casais com formação cristã insuficiente para viver uma verdadeira espiritualidade cristã vs. casais que aprofundam os seus conhecimentos doutrinários, bíblicos, etc.
- Casais que possuem uma mentalidade de inquilinos vs. casais com mentalidade deconstructores, que assumem as suas responsabilidades no Movimento e na Igreja.

O Movimento das ENS é dinâmico, incorpora anualmente centenas de casais e de conselheiros espirituais pelo mundo fora, que falam diferentes línguas e possuem culturas diversas, fortalecendo neles a esperança, assim como o Magistério da Igreja, no Matrimónio como Sacramento do amor, apesar das ameaças que existem em relação ao casamento e à família.



O Movimento das ENS não é um fim em si mesmo. A sua estrutura e as suas “lideranças” estão ao serviço da evangelização dos casais que receberam o sacramento do Matrimónio; o Movimento está, na Igreja, ao serviço do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo; está ao serviço do Reino de Deus. Seguir fielmente o caminho percorrido por Jesus Cristo é indispensável para que o Movimento contribua para a superação, na perspetiva do Evangelho da Família e do Casamento, em unidade com o Magistério, dos graves problemas que se colocam sobre o Matrimónio e a Família.

Tanto o *Instrumentum Laboris* como o Relatório Final do Sínodo dos Bispos sobre “A Vocação e a Missão da Família na Igreja e no Mundo Contemporâneo”, mostraram os grandes desafios que se colocam atualmente ao casamento e à família, mas sempre destacando a centralidade da família para as pessoas, para a sociedade e para a própria Igreja.

No caso do Movimento das ENS, a centralidade da família passa pelo casal, por um casal que vive uma espiritualidade encarnada em todos os ambientes do seu quotidiano, mantendo e promovendo os valores cristãos da família nos dias de hoje. Mas, o grande desafio da família cristã está relacionado com a sua identidade missionária como Igreja doméstica, como protagonista da evangelização, e de ser uma boa notícia para o mundo, isto é, de ser testemunho do “Evangelho da família”, como nos estimula o Papa Francisco.

Portanto, ouvir “as bases” do Movimento das ENS, em algum momento de sua caminhada histórica, parece ser algo fundamental, principalmente em função do documento apresentado no Encontro Internacional de Fátima 2018, que propõe “visualizar a perspetiva e a direção em que é preciso convidar o Movimento a prosseguir”, propondo alguns desafios concretos a que as Equipas de Nossa Senhora – ou seja, os seus casais – devem responder no momento presente e no futuro.

2. A Razão de Ser das Equipas de Nossa Senhora

A razão de ser das Equipas de Nossa Senhora é a de ajudar os casais a descobrir as riquezas do sacramento do Matrimónio e de viver uma espiritualidade conjugal e a ajuda mútua. Através do seu exemplo, os casais das ENS querem ser um testemunho do casamento cristão na Igreja e no mundo. Como um Movimento de espiritualidade conjugal da Igreja Católica, é constituído por casais que acreditam no ideal do casamento cristão e querem, por exemplo:

- Permanecer fiéis às promessas de seu Batismo;
- Colocar Cristo no coração das suas vidas;
- Construir a sua vida conjugal e familiar com base no Evangelho;
- Procurar conhecer melhor a vontade de Deus sobre o homem e mulher, para poder cumpri-la;
- Testemunhar, pela sua vida, o amor de Deus;
- Levar ao mundo a mensagem de Cristo;
- Dar testemunho dos valores cristãos na sua vida social e profissional;
- Dar o seu apoio ativo à Igreja, aos bispos e ao clero;
- Fazer das suas atividades uma colaboração com Deus e um serviço aos outros;

- Promover o casamento e a vida de família na sociedade.

Portanto, o objetivo das Equipas de Nossa Senhora, ou a sua razão de ser, é o de ajudar os casais cristãos a viver plenamente o seu sacramento do Matrimónio e a estruturar uma família verdadeiramente humana e cristã. São objetivos extremamente desafiantes, e de vez em quando torna-se necessário conhecer a opinião destes casais que fazem parte das ENS sobre como o Movimento está a contribuir para que possam alcançar esta vivência plena do sacramento do Matrimónio, no seu percurso rumo à santidade.



3. Porquê Auscultar a Realidade e a Vivência das Equipas e dos Equipistas?

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, diz que “a realidade é mais importante do que a

ideia”¹. Ele não se referia à pesquisa; mas sim a, que precisamos de utilizar o critério da realidade, de uma Palavra encarnada e que está sempre procurando encarnar-se, no processo de evangelização. Permanecer no nível das ideias, do que “achamos” que seja uma determinada realidade, é construir sobre a areia, é esterilizar a Palavra e tirar-lhe o seu dinamismo.

O Papa Francisco, nos primeiros meses do ano de 2021, apresentou algumas reflexões importantes sobre a necessidade de conhecer melhor a realidade que nos cerca e na qual procuramos exercitar a nossa missão e responsabilidade eclesial. Podem ser lembrados os seguintes anúncios ou pronunciamentos do Papa:

- Anúncio da metodologia do próximo Sínodo, com as suas três fases (não como um evento, mas como um processo).
- O pronunciamento na sede dos meios de comunicação social do Vaticano. “refletimos sobre a necessidade de «ir e ver» para descobrir a realidade e poder narrá-la a partir da experiência dos acontecimentos e do encontro com as pessoas.”²

- O pronunciamento na semana dedicada à vida consagrada. “...Não se esqueçam disso, a Vida Consagrada é sempre um diálogo com a realidade.”³



Em todos estes factos, o Papa chama a atenção da Igreja para a necessidade de estar alerta à realidade, que é mais forte do que as ideias. Chega a dizer que devemos deixar a realidade nos “esbofetear”, para podermos virar o nosso rosto para o lado e assim vermos o mundo a partir de outra perspetiva.

Lembrando que os discípulos queriam conhecer Jesus logo após o seu Batismo, Ele responde: “vinde e vedeis”. E concluiu o Papa Francisco: “o método «vem e verás» é o mais simples para se conhecer uma realidade; é a verificação mais honesta de qualquer anúncio, porque, para

¹ Ver números 231 a 233.

² Mensagem do Papa Francisco para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, Escutar com o ouvido do coração.

³ 50ª Semana Nacional para Institutos de Vida Consagrada, 17-22 maio de 2021. 50ª Semana Nacional para Institutos de Vida Consagrada, 17-22 maio de 2021.

ECOS DA SUPRA-REGIÃO

conhecer, é preciso encontrar, permitir à pessoa que tenho à minha frente que me fale, deixar que o seu testemunho chegue até mim”.

Assim, ver uma realidade, requer a capacidade de ir aonde mais ninguém vai: mover-se com o desejo de ver o outro e as suas necessidades. “Vir e ver” pressupõe dois movimentos: o primeiro deles é sair da presunção cómoda do “já sabido” e o segundo, mover-se, ir ver, estar com as pessoas, ouvi-las.

E porque é fundamental conhecer a realidade? Não para deixá-la como está, mas para procurar incidir sobre ela, para fazê-la crescer em sintonia com o Espírito Santo, para transformá-la de acordo com o projeto do Reino de Deus. No seu pronunciamento na semana dedicada à vida consagrada, dizia o Papa Francisco, o que poderia ser perfeitamente dirigida a nós das ENS: “Quando a Vida Consagrada perde essa dimensão de diálogo com a realidade e de reflexão sobre o que acontece, começa a tornar-se estéril. Eu me pergunto sobre a esterilidade de alguns institutos de Vida Consagrada, qual é a causa? Geralmente está na falta de diálogo e de compromisso com a realidade. Não se esqueçam disso: a Vida Consagrada é sempre um diálogo com a realidade”. Esta é uma reflexão que vai ao encontro do que o Pe. Caffarel já dizia ao Movimento das ENS há muitos anos,

para explicar as razões pelas quais as lideranças precisam de estar em contato com as bases.



4. Objetivos do Inquérito

O inquérito a realizar pretende avaliar como o Movimento vem apoiando o casal equipista na sua caminhada espiritual e conjugal; qual a situação atual em termos de motivação no dia a dia; entender o atual nível de adesão à pedagogia do Movimento, do carisma fundador.

O objetivo é identificar o que o Movimento faz para que se motivem cada vez mais, e cada vez mais se queiram aprofundar na realidade da Igreja e do Movimento, além, obviamente, de buscar com alegria o caminho da santidade através de seu sacramento matrimonial.

O foco será entender e agir em questões como:

- Envolvimento atual do equipista na Igreja local;

- Como é a vida de equipa, o seu **modus operandis**, pontos que influenciam diretamente na motivação e intensidade da participação do casal no Movimento;
- O compromisso do casal com o Movimento e as suas atividades. O que de facto motiva o casal. O que o casal procura no Movimento;
- O quão forte é a prática dos pilares do Movimento e quais as dificuldades;
- Quanto os equipistas conhecem a estrutura do Movimento, qual a perceção da qualidade e da importância da estrutura e suas realizações e produtos;
- Até que ponto os equipistas conhecem o Padre Caffarel.

A Equipe Satélite da ERI Pesquisa & Reflexão é constituída pelos casais

Gesella & Victor Almeida (Equador)
Fernanda & Antonio Martini (Brasil)
Carlotta & Raúl Gaban (Espanha)
Mari & Luís Melo (Portugal)



TORINO 2024
 13° raduno
 internazionale

XIII Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora, Turim 2024

O próximo Encontro Internacional (EI) das ENS terá lugar em Turim, Itália, entre 15 e 20 de julho de 2024. Sob o mote “Caminemos com coração ardente”, inspirado na passagem “Então eles disseram um para o outro: – Não parecia que o nosso coração queimava quando ele nos falava na estrada e nos explicava as Escrituras Sagradas?” [Lc 24:13-25], os equipistas de todo o mundo são convidados a celebrar a alegria do reencontro, *comunhar a internacionalidade na unidade*, refletir sobre o legado do Pe. Henry Caffarel, meditar o Evangelho, *renovar o espírito do Movimento e receber com alegria a Equipa Responsável Internacional que assumirá a orientação do Movimento para o sexénio 2024-2030*.

Inscrições

À *Supra-Região Portugal* foi atribuída a cota de 599 participantes, 21 dos quais *Conselheiros Espirituais*. Cada casal ou pessoa singular (nomeadamente CE) deverá realizar a sua inscrição via Web na Plataforma Centralizada Turim 2024 que estará disponível nas cinco línguas oficiais do Movimento (incluindo o Português) de 31 de julho a 31 de outubro de 2023. Esta plataforma poderá ser acedida a partir de um computador, tablet ou smartphone.



O custo da inscrição é de 695€/pessoa (1.390€/casal) valor que cobre os custos de alojamento, alimentação, entrada em todos os locais, documentação e materiais distribuídos aos participantes, e tradução simultânea nos eventos, desde as 12:00 de segunda-feira, 15 de julho de 2024, até à cerimónia de encerramento, e ainda o almoço no sábado, 20 de julho de

2024. O custo da inscrição não inclui viagem. Esta deverá ser custeada e marcada por conta própria.

Ao preencher o formulário de inscrição, os dados detalhados de cada participante estarão devidamente salvaguardados no âmbito do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) da União Europeia pelo que, decorrentemente, terão obrigatoriamente de ser inseridos pessoalmente e ficarão registados na plataforma, onde já se encontram identificadas todas as Equipas, organizadas por Supra-Região / Província / Região / Sector. Estes dados serão verificados e validados pela Supra-Região Portugal. O Casal Responsável pelas Inscrições (Casal Paula e Nuno Barreto) estará disponível para esclarecer dúvidas, nomeadamente através do email "casal.barreto@sapo.pt", podendo também tomar a iniciativa de contactar os participantes para pedir esclarecimentos ou informar quanto a algum aspeto relevante relativo à validação da sua inscrição.

As inscrições serão validadas de acordo com a ordem de entrada na plataforma. Ficarão em lista de espera os participantes que se registem na plataforma e cuja inscrição venha a ser validada, mas que excedam a quota atribuída à Supra-Região Portugal.

Para os participantes das Províncias África e Angola que necessitarem, a

Organização do Encontro Internacional providenciará Cartas de Chamada para facilitar os vistos de entrada no Espaço Shengen. Também devem tomar em consideração que para os não residentes na União Europeia, a inscrição obriga à subscrição de um Seguro que cubra os custos que possam surgir em caso de assistência médica urgente e/ou atendimento hospitalar de emergência, repatriação por motivos médicos ou morte até um máximo atualmente de € 30.000 para a duração da estadia na União Europeia. A modalidade mais comum será a de um Seguro de Viagem pelo período da estadia e viagem, e que inclua estas coberturas.

Pagamento

O pagamento da inscrição deverá ser feito mediante transferência para o IBAN **PT50 0033 0000 4537 7343 40905**, na sua totalidade ou de acordo com o seguinte faseamento – por favor, identificar adequadamente a que inscrição a transferência diz respeito:

- 1º até 31 de outubro de 2023: 10%**
(139,00€ / casal ou 69,50€ / pessoa)
- 2º até 30 de janeiro de 2024: 30%**
(417,00€ / casal ou 208,50€ / pessoa)
- 3º até 29 de fevereiro de 2024: 30%**
- 4º até 30 de março de 2024: 30%**

Ajuda Mútua

A participação no Encontro Internacional implica um esforço pessoal e de casal, mas é também um momento para colocar em prática um dos pilares da mística e espírito de equipa: a Ajuda Mútua.



É um momento excepcional na vida do Movimento; viver essa experiência dá-nos uma dimensão mística. Muitos participantes, ao regressarem, dizem: «houve um antes, haverá um depois...». Permitir que o maior número possível de equipistas vivencie um evento como este é um dever que todos nós compartilhamos. Assim, cada um de nós demonstrará generosamente a sua solidariedade, ajudando-nos uns aos outros, para que nenhum equipista seja impedido de participar por motivos materiais.

A Carta das Equipas deixa bem claro em que consiste a ajuda mútua entre os membros das ENS: "... os casais das Equipas de Nossa Senhora praticam a ajuda mútua, tanto material quanto espiritual, tal como São Paulo instruiu: "Levai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo ..." (Gl 6,2).



Ajuda mútua: onde e como?

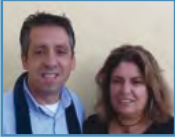
Esta ajuda mútua é uma parte essencial de nosso carisma; não a praticar é distanciar-se do nosso Movimento, é esquecer o que o Pe. Henri Caffarel recordou durante a peregrinação das ENS a Roma, em maio de 1959: "... Outra grande ajuda oferecida pelas Equipas: a ajuda mútua. A mística da ajuda mútua, as obrigações da ajuda mútua: entre os cônjuges, entre as famílias, entre as equipas. O auxílio mútuo é um dos nomes próprios da caridade...".

A ajuda mútua pode ser expressa de várias maneiras e em diferentes ní-

veis. Em casal, em equipa, em setor, ..., procure-se identificar as necessidades e de forma criativa implementar formas de entreatura e de solidariedade para apoiar aqueles que manifestarem o desejo de participar do Encontro.

Também devemos pensar na ajuda mútua espiritual, que consiste em unir nossas orações para que o maior número possível de pessoas possa participar no Encontro. O Pe. Caffarel já tinha expressado esse sonho por ocasião da primeira grande peregrinação dos membros das ENS a Lourdes, em 1954: «Há muito tempo eu sonhava com um grande gesto das famílias cristãs, por meio do qual elas viriam expressar publicamente a Deus sua gratidão por viverem nesta época à qual suas luzes foram concedidas. Esse gesto será a nossa peregrinação a Lourdes nos dias 5, 6 e 7 de junho. Um gesto de gratidão a Deus, «autor de todo dom». Mas também um gesto de gratidão à Igreja".

Cabe-nos realizar esse sonho de 1954 em Lourdes, em 2024, em Turim! Convidamos-vos a unirem-se a nós em oração, para que o Senhor, por intercessão de Nossa Senhora, nos conceda a graça de vivenciar um Encontro Internacional 2024 bem-sucedido, para a glória de Deus e o bem de nossos irmãos e irmãs.



Helena e António Cardoso

Casal Responsável do Secretariado | Equipa Loures 3

Caros Conselheiros Espirituais e Equipistas

Hoje escrevemos-vos com um misto de emoções, pois é a última vez que nos dirigimos a vós como responsáveis do Secretariado das Equipas de Nossa Senhora. Foi para nós uma honra e um privilégio poder servir o movimento das ENS e é com um coração cheio de gratidão que deixamos esta função que desempenhamos com tanto amor e dedicação ao longo dos últimos cinco anos. Com a alegria do convite veio, também, o medo e o receio de não estarmos à altura de tão grande desafio, mas o Senhor mostra-nos que não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Foram cinco anos de grandes desafios e alguns medos, passamos por uma pandemia e uma mudança de sede, mas foi em Maria que fomos encontrar a coragem e a força para, nos momentos mais difíceis, enfrentarmos este desafio de estarmos ao serviço do movimento que tanto amamos.

Não pode ser uma simples coincidência que, neste momento em que

terminamos o nosso serviço como responsáveis do Secretariado das Equipas de Nossa Senhora, o tema desta Carta seja **“Servir a Exemplo de Maria”**, pois, quando recebemos o convite para assumir esta função tínhamos acabado de dar testemunho sobre o papel de Maria na nossa vida. A nossa resposta só poderia ter sido, apesar do medo, um SIM, pois a presença protetora de Maria tem estado sempre presente em todos os momentos importantes e decisivos da nossa vida.





Maria é o exemplo sublime de serviço! E a primeira lição que aprendemos com Maria é a **humildade** - “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lucas 1, 38). Maria poderia ter vivido uma vida como tantas outras jovens, no entanto, a sua disponibilidade para servir a Deus fez com que fosse escolhida para Mãe de Jesus, o filho de Deus. Maria aceitou o seu papel com humildade, sabendo que estava a ser chamada para uma missão maior e colocou-se completamente ao serviço de Deus e da humanidade.

Maria também nos ensina a ter **compaixão** - “*A compaixão de Maria*

lembra-nos que devemos olhar para o próximo com ternura e ajudá-lo nas suas necessidades” (São João Paulo II). Quando tem conhecimento do estado da sua prima Isabel, mostra preocupação e cuidado pelo próximo, partindo apressadamente, mostrando que o verdadeiro serviço também passa pelo acolhimento e atenção aos que estão à nossa volta.

Outra lição notável que aprendemos com Maria é a sua **fidelidade** - “*Maria, com a sua fidelidade inabalável, mostra-nos que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada na obediência a Deus e na entrega completa ao seu plano*” (Santa Teresa de Lisieux).

Mesmo diante de grandes adversidades, momentos de perigo e incertezas, como quando teve de viajar tão perto do nascimento do seu filho e depois teve de fugir para o Egípto, ela nunca abandonou a sua missão. Pelo contrário, manteve-se sempre firme no seu propósito de servir e proteger o seu filho. Maria é exemplo de fidelidade não apenas a Deus, mas também às pessoas que dependem de nós.

Maria também personifica o verdadeiro **amor** ao próximo - *"Maria ensina-nos que o amor não se limita apenas ao sentimento, mas expressa-se através de ações concretas"* (São João Maria Vianney). Quando observamos a sua presença nos momentos mais difíceis na vida de Jesus, como na sua paixão e crucificação, percebemos que ela esteve sempre disponível para servir e apoiar o seu filho até ao último momento, apesar de todo o sofrimento. O seu amor incondicional mostra que o verdadeiro serviço exige que coloquemos as necessidades dos outros acima das nossas próprias necessidades e vontades.

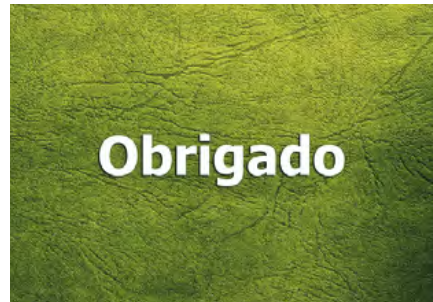
Em tempos de individualismo e egoísmo, Maria convida-nos a olhar para o seu exemplo de humildade, compaixão, fidelidade e amor, inspirando-nos a ser, em casal e em família, agentes de mudança no mundo. Que possamos aprender com Maria a importância e a grandiosidade de saber servir.

Queremos, ainda, lembrar-vos da extrema importância da quotização para a manutenção e crescimento do movimento das Equipas de Nossa Senhora, uma vez que é através das contribuições de cada casal, que se garantem os recursos necessários para o funcionamento das atividades desenvolvidas pelo movimento. É importante lembrar que nas Equipas de Nossa Senhora a quotização é feita em espírito de partilha e tendo em consideração as diferentes realidades financeiras de cada um. Deixamos o apelo a que não existam equipas com quotização zero. A quotização é uma ferramenta essencial para garantir a sustentabilidade e o crescimento do movimento das Equipas de Nossa Senhora, possibilitando a realização de atividades, formações e expansão do movimento.

Guardaremos para sempre no nosso coração as memórias do que vivemos e as bênçãos que recebemos ao serviço das Equipas de Nossa Senhora.

Um abraço para todos vós!

Lena e Tó Cardoso





Fátima e Eduardo Queirós

Casal Responsável da Província Norte | Equipa Gondomar 2

Província Norte

Queridos amigos!

Nesta breve reflexão e em jeito de balanço, gostaríamos de partilhar convosco a riqueza do tema de estudo deste ano: “Servir a exemplo de Maria”. Maria é um exemplo da “serva do Senhor”. Maria fez da sua vida um serviço, sem hesitações e sem demoras. Com certeza que também teve dias confusos, dias em que mudou completamente de projeto de vida, dias em que teve de colocar Deus em primeiro lugar. Por isso foi uma mulher plena, realizada, uma mulher feliz, e para nós é sinal de realização, felicidade e busca da vontade de Deus.

Merecem ser destacadas estas palavras de Maria, onde podemos observar a perfeita sintonia entre si e o seu Filho Jesus: “Eles não têm mais vinho”; “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 3-5).

Numa das suas reflexões, S. João Paulo II diz-nos que Maria colocou-se como intermediária entre o seu Filho e os homens na realidade das suas privações e dos seus sofrimen-

tos. Maria fez-se de medianeira, não como uma estranha, mas na posição de Mãe, consciente de que como tal pode, ou antes, tem o direito de tornar presentes ao Filho as necessidades dos homens.

A mística do nosso Movimento impele-nos a trabalhar e a viver no mundo segundo a vontade de Deus. Reunimo-nos em nome de Cristo que, através do Seu Espírito, alimenta a nossa fé e a reforça. A partir das palavras de Jesus ao longo do tema de estudo deste ano, tivemos a oportunidade de refletir e avaliar como a riqueza da nossa fé e das nossas convicções, nos aproxima mais dos outros, nos orienta na missão de estarmos mais atentos às necessidades daqueles com quem nos relacionamos no dia a dia. Ao longo do estudo do tema, podemos dar conta da falta de “vinho” no nosso coração, no nosso ambiente e na realidade onde vivemos, onde a festa muitas vezes acaba sem a alegria completa. Sen-

timos necessidade de acordar em nós os gestos de compaixão e misericórdia para com as realidades que nos cercam. As desigualdades que constantemente surgem nas várias dimensões da vida humana, são para nós desafios para refletirmos profundamente na forma como podemos contribuir e cumprir a missão, inspirados no exemplo de serviço de Maria. Comprometidos com o Movimento das ENS não caminhamos sozinhos nesta terra que nos alberga a todos. Olhando ao nosso redor, insistimos tanto em pedir a Deus a força e o carácter necessários para sermos bons discípulos, bons samaritanos, a pôr em prática e a viver em profundidade a preocupação de servir e sermos misericordiosos com a nossa família, na nossa vida conjugal, na vivência dentro da nossa equipa, com aqueles que nos rodeiam e com quem nos cruzamos no dia a dia.

A função maternal de Maria é tão especial e extraordinária que facilita o nosso contacto imediato com Cristo e constitui uma dimensão real da sua presença no mistério da salvação da humanidade. Foi ela mesma quem primeiro experimentou em si os efeitos da mediação entre Deus e os homens e em virtude dessa plenitude de graça, Maria estava particularmente disposta para a “cooperação” com Cristo traduzida na total disponibilidade da “serva do Senhor”.

Hoje, aprendamos com Maria a viver a vontade de Deus acima de todas as coisas, a ter humildade perante a vida e as pessoas, a reconhecer que, como o anjo respondeu a Maria, o nosso Deus é o Deus do impossível e, portanto, se nos confia uma missão a cada dia, nos dará forças e não nos abandonará no meio do caminho.





Nelita e Nuno Rebordão Pires

Casal Responsável da Província Sul | Equipa Lisboa 136 | Setor G | Região Lisboa 2

Província Sul

O PERDÃO como fonte de bem-estar pessoal, familiar e social!

Falar de perdão entre cristãos não é assunto que cause estranheza.

Mas...ouvir falar de Perdão num congresso mundial de Medicina Laboratorial, demonstrando-se cientificamente o seu benefício no bem-estar do indivíduo, da família e da comunidade, foi sem dúvida um grande espanto. A conferência inaugural, proferida pelo Professor Robert Enright (psicólogo), perante um auditório de 9000 pessoas, demonstrou que o tratamento mais eficaz para as feridas profundas é o perdão. Este é uma fonte de saúde quando vivido diariamente. O coração fica mais livre para amar. As palavras escutadas faziam eco do evangelho de Jesus: perdoar 70x7 ...amar os inimigos! Quem, como cristão não tem isto presente?

Escutávamos: guardar rancor, viver de forma amargurada, com pessoas e situações, tem implicações no bem-estar físico, mental e social. O mundo interior fica perturbado, preenchido

com uma dor difícil de ser abstraída. Transformamo-nos e alteramos os nossos relacionamentos. A irritabilidade toma conta de nós e sem nos apercebermos transmitimo-la e projetamo-la para os outros. A falta de paz interior pode conduzir a alte-



rações do sistema hormonal e imunitário (defesas do organismo) com repercussões na saúde, aumentando o risco de doenças tumorais e/ou autoimunes. O ressentimento mantido ao longo do tempo está ainda associado a depressão, ansiedade e baixa autoestima.

Embora perdoar possa parecer um processo de fraqueza, reconhecemos que é um processo transformador e de grande fortaleza. Precisamos de ser educados neste caminho. O que é o perdão? Não é desculpabilizar nem esquecer as ofensas. Não é abandonar a procura da justiça. Não é necessariamente a reconciliação. É uma virtude moral. É uma escolha. É oferecer generosidade, é ser misericordioso para quem ofende.

Como perdoar? O autor criou um modelo que pode ajudar a desenvolver a capacidade de perdoar em 4 etapas:

1 - Fase da descoberta - Identificar e tornar consciente a dor emocional resultante de uma vivência profundamente injusta: ressentimentos, sentimentos de ódio, raiva, ansiedade, depressão, autopunição, autoaversão. Perceber que continuar centrado na sua dor, alimentando a revolta contra o "agressor", só faz aumentar o sofrimento. Quando as emoções negativas são consciencializadas, faladas e pensadas, pode começar o processo de cura.



2 - Fase da decisão - Perdoar é uma decisão. Para o fazer tem de se experimentar uma mudança de vida, uma conversão de coração. Renunciar a quaisquer pensamentos, sentimentos ou intenções de vingança em relação ao outro. O orgulho e a falta de humildade enfraquecem os esforços no sentido de perdoar e inflamam o ressentimento como uma causa nobre a que se fica agarrado. A decisão tem de passar por querer escolher o perdão e a misericórdia. O perdão requer tempo, paciência e determinação.

3 - Fase da execução - Iniciar o processo do perdão. Há que desenvolver uma nova maneira de pensar e olhar para as pessoas e situações. Fazer o esforço de se colocar na pele do outro, entender o contexto e as pressões que conduziram o "agressor" a cometer a ofensa. Perceber melhor as suas fragilidades como membro de uma comunidade humana. O grande

desafio é a busca pelo bem, acompanhada pela vontade de criar empatia e compaixão pelo outro. Fazer um esforço consciente para não falar depreciativamente sobre aqueles que ofenderam. Praticar o reconhecimento que cada pessoa é única, especial e insubstituível. Mostrar amor diariamente com um sorriso, com tempo para escutar, abster-se de responder instintivamente, praticar pequenos atos de misericórdia mesmo a quem nos prejudica, ajuda a muscular o coração.

4 - Fase do aprofundamento – Libertação da prisão emocional. Quem perdoa sente alívio emocional e encontra significado para o sofrimento. É o sofrimento que deve tornar-nos mais amorosos e capazes de fazer passar o amor para os outros. Quem perdoa descobre o sentido do paradoxo do perdão: à medida que damos aos outros a misericórdia, generosidade e amor, nós próprios somos os beneficiários, porque podemos ser curados das nossas dores e sofrimentos. Quem perdoa abre o seu coração para se libertar da prisão da amargura e coloca o amor no lugar da dor. Descobre a liberdade do perdão e encontra novos propósitos de vida.

E continuou...

Como pode o perdão restaurar famílias?

Perdoar aqueles que foram injustos impede a transmissão e perpetuação da dor emocional através das gerações. Uma filha constantemente criticada pela mãe pode vir a criticar os filhos e o marido de forma não consciente. São desejáveis programas de preparação para o matrimónio nos quais, cada membro do casal, examine fontes de injustiça da família de origem que inconscientemente se fazem perpetuar.

O perdão na família pode ser capaz de aumentar o diálogo, reduzir a tensão entre as pessoas, restaurar as boas relações, ajudar ao discernimento de soluções justas e assim aumentar o amor entre todos os elementos da família.

Decidir manter o perdão como norma na família, cria e sustenta uma Família Perdoadora. Para isso reserve algum tempo para discutir deliberadamente a importância do perdão. Isto pode ser feito durante cinco minutos uma vez por semana.

Faça uma lista de todas as pessoas da família que o ofenderam (pais, sogros, tios, irmãos, cônjuge, filhos). Enumere quem o ofendeu menos e mais. Comece a perdoar aqueles que menos o ofenderam. Trabalhe também a relação dos que mais o ofenderam. Perdoe a todos os membros da família. Estará livre do ressentimento que poderá ser passado para outros.

E ainda...

Educar para o perdão no local de trabalho!

Incentive as pessoas a incorporarem o processo do perdão com colegas de trabalho quando houver tensões. Evidências científicas mostram os benefícios do perdão no local de trabalho. Trabalhadores que sofreram injustiça foram aleatoriamente separados em 2 grupos: um para programa de educação para o perdão e outro para programa de treinos de relaxamento. Verificou-se que o grupo que praticou a educação para o perdão teve menor irritabilidade e ansiedade do que o outro grupo.

A equipa de relações humanas deve começar a falar sobre justiça e misericórdia no local de trabalho. A justiça deve caminhar de mão dada com o perdão.

Como desafio final foi lançada a questão – Que legado quero deixar da vida: Revolta ou Amor?

Esta comunicação aqui partilhada não nos deixou indiferentes. Desconhecemos se o autor é ou não cristão, mas sentimos que Deus está por trás das suas palavras e da sua investigação. Como cristãos temos uma responsabilidade acrescida neste convite ao exercício do perdão, não por sermos melhores que os outros, mas porque temos Cristo a caminhar connosco e podemos experimentar a alegria do perdão no sacramento da reconciliação.

O Mandamento Novo é o Amor. Saibamos amar como Jesus nos ensina. Que a exemplo de Maria consigamos pôr em prática este apelo ao Perdão na nossa vida pessoal, familiar e na comunidade alargada.



Servir a exemplo de Maria



D. Nuno Almeida

Bispo da Diocese de Bragança-Miranda

Entrevista

1. O tema desta edição da “Carta” é “Servir a exemplo de Maria” e o seu lema episcopal é “Estou entre vós como aquele que serve” (Lc 22,27). Fale-nos um pouco de como o serviço vai moldando o seu percurso como pastor e se Maria tem assumido um papel significativo na sua vocação e na escolha, precisamente, da sua opção pelo serviço.

Para viver, em cada dia, o lema episcopal que escolhi, procuro, antes de mais, contemplar com fé e gratidão Jesus Cristo e o seu modo de servir, descobrindo que o Seu primeiro olhar se dirige ao sofrimento, manifestan-

do amor: como misericórdia que cura, perdão dos pecados, ternura que acompanha, diálogo que devolve dignidade, acolhimento de quem está à margem. A sensibilidade radical de Jesus para com o sofrimento humano caracteriza o seu modo de viver, servir e amar até ao fim.

Servir como Cristo significa, primariamente, aprender do Samaritano a viver um amor que está atento, que se inclina, se ocupa, carrega e se doa sem reservas até ao fim. Servir para que muitos possam fazer a experiência do “calor das mãos de Deus Pai”, no alívio da dor, no perdão dos pecados, no reencontrar a esperança.

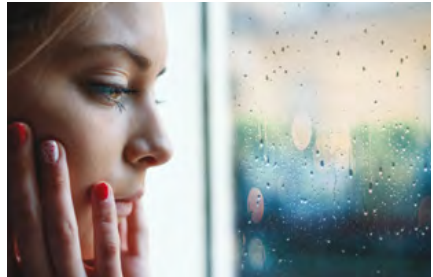
Contemplando Maria, tenho aprendido a percorrer a via do serviço. **Servir!** Maria ensina-nos que ser “servos” uns dos outros, nada tem a ver com “servilismo” ou “escravidão”: trata-se do “mandamento novo” do amor real ao próximo através do “serviço concreto”, e não apenas “de palavras”. O amor é um “serviço humilde”, concretizado, muitas vezes, no silêncio.

Três palavras resumem o caminho de santidade de Maria: escuta, decisão e ação. Palavras que indicam um caminho de santidade também para nós diante daquilo que o Senhor nos pede na vida. Escutar, decidir e agir. Tenho procurado que tudo isto mar-que o meu peregrinar nesta vida e o meu ministério sacerdotal.

Maria, Mulher da escuta, da decisão e da ação. Na oração peço a Maria, Mulher da escuta, que abra os meus ouvidos; faça com que saiba ouvir a Palavra do seu Filho Jesus, no meio das mil palavras deste mundo; faça com que saiba ouvir a realidade em que vivo, cada pessoa que encontro, especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade.

2. Quais as principais “dicas” que gostaria de deixar aos casais católicos que são hoje confrontados com tantos e complexos desafios na educação dos filhos, no seu serviço nas paróquias e dioceses, nos Movimentos em que se inserem, no voluntariado, etc?

O amor que se traduz em serviço concreto tem as suas palavras e atitudes típicas. A primeira é a **atenção**. Não cultivamos e praticamos o amor servil se não estamos atentos a quem vive connosco na mesma casa, passa por nós, trabalha na secretária ao lado da nossa, na mesma secção da empresa ou mora no apartamento em frente. Sem a atenção interior e exterior, não conseguimos exercitar o segundo verbo fundamental do amor: **olhar**. Quem ama passa pelo mundo olhando-o. Tem atenção e silêncio interior suficientes para olhar a vida que lhe passa ao lado.



Olha e **vê** e, por isso, **ouve** o infinito grito de compaixão que se eleva à sua volta. E uma vez vistas e ouvidas as dores dos outros, escolhe livremente servir, inclinando-se, fazendo-se próximo, cuidando da dor dos outros.

Temos uma imensa necessidade de pessoas servidoras; hoje mais que ontem. Estamos cada vez mais inundados por sofrimento psíquico, moral e espiritual, mas o terreno não consegue absorver esta água porque são

SERVIR A EXEMPLO DE MARIA

demasiado poucas as pessoas capazes de compaixão, e menos ainda aquelas que servem com perseverança. São, no entanto, estas que mudam radicalmente a qualidade moral dos lugares onde vivem. Basta, por vezes, uma única pessoa realmente servidora para salvar uma comunidade inteira.

A vida floresce quando somos capazes de descobrir a beleza que nos rodeia, deixando-nos tocar por ela. Mas não menos importante é procurar e descobrir a dor à nossa volta, amá-la e deixar-nos amar por ela. O maior dom que se pode fazer a um filho é ajudá-lo na sua capacidade de compaixão, de servir e de amar. Porque é a compaixão pela dor dos outros que nos faz ver a maior beleza da terra, a escondida no coração das pessoas.

3. Que papel evangelizador antevê para as ENS em Portugal? Quais os principais desafios para um movimento de espiritualidade conjugal como as ENS?

É decisivo escutarmos juntos, e em todos os momentos da vida, a Palavra de Deus, principalmente nas ocasiões importantes da vida pessoal e familiar, deixando-nos “visitar”, como Maria, pela Palavra, (cf. Lc 1, 26-38) para que ela nos envolva e nos converta.

Trata-se de procurar ouvir a Palavra de Deus juntamente com os que fazem parte da nossa Equipa, deixando que dê sentido à vida, para que sejam

vividas com beleza as circunstâncias festivas e enfrentados com coragem os momentos de prova e sofrimento. As ENS, desde há muitos anos, reúnem casais e famílias, em pequenos grupos, ao redor da Palavra de Deus, fazendo dos cristãos “profetas de sentido e inimigos do absurdo” (Paul Ricoeur), semeadores, anunciadores e testemunhas da Esperança!

Ao reunir em pequenos grupos para a escuta da Palavra e para que a Palavra se faça vida e a nossa vida se faça Palavra, descobrimos a verdade das afirmações do Papa Francisco: «A Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever. [...]. A Igreja deve aceitar esta liberdade incontável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas» (EG 22).

4. Que outra palavra escolheria para associar a cada uma destas palavras?

Missão - **Comunhão**

Família - **Amor**

Paz - **Fraternidade**

Comunidade - **Laços**

Desporto - **Alegria**

Serviço - **Partilha**

Esperança - **Fé**

Música - **Interiorização**

Multimédia - **Ligação**

Férias - **Contemplanção**

O caminho sinodal e as Famílias



O caminho sinodal é o caminho seguido pelos cristãos unidos com Jesus e Maria em direção ao Pai. Quando, em outubro de 2021, o Papa anunciou o Sínodo, a nossa equipa, Carcavelos 3, interessou-se em trabalhar este tema, o que nos ocupou durante 2021-2022 e cujo resultado enviámos como indicado nas orientações e também para a Equipa SR das ENS e para o jornal online “7Margens”.

Foi uma boa experiência!

Como vimos que os temas, que recentemente mais se destacam na presente fase do caminho sinodal, estão mais orientados para aspetos institucionais e eclesiais, voltá-

mos a pensá-lo, focando, essencialmente, famílias, casais e jovens.

Fazemos caminho em conjunto (sin=com+odos=caminho), sinodal, cristãos leigos e cristãos consagrados, mulheres e homens, em Fé e em direção a Deus.

Fazemos caminhos diferentes, não paralelos, mas convergentes.

Fazemos caminho que sofre das nossas insuficiências e do ruído que a Igreja atravessa e transmite.

Não há caminho sinodal sem as famílias, os casais, os jovens, as crianças e os idosos.

Fazendo parte das ENS e baseados na sua espiritualidade, consideramos que devemos pôr à disposição de outros casais e de outras comunidades com que convivemos, nomeadamente a nossa paróquia, o aprofundamento que temos vivido da nossa vida de cristãos, enquanto casal e família. De facto, as ENS podem servir a Igreja, convidando outros casais a analisarem e a construir caminhos para as famílias e, nas paróquias, a interagirem de forma a que o caminho sinodal seja mais rico e abrangente.

Famílias

Como haverá na Igreja um caminho sinodal sem as famílias?

Como vamos ouvir e falar? Nem tudo o que serve para nós construímos a nossa felicidade serve a tantos outros! Muito do que vai servindo para outros serem felizes, ou pelo menos não serem infelizes, não nos serve a nós, está muito longe!

Cada família é um mundo, cada família é uma igreja! O mundo e a Igreja são as famílias todas! Como podem as famílias cristãs criar, elas próprias, famílias felizes, se se esquecerem de Deus? Para nós e para a Igreja, que temos Jesus e Maria no centro da nossa vida, como pode a nossa espiritualidade ajudar-nos a responder ao mundo exterior?



E aos filhos e netos, como transmitir-lhes a nossa Fé se os ambientes externos apelam tão diferentemente, até mesmo ao contrário? Para bom apoio a crianças, jovens e idosos, a família tem de se mostrar coerente e coesa, feliz e amando-se, aceitando as dificuldades, tudo de forma consistente. É isso que nos desafia! Será deste modo que podemos percorrer um caminho sinodal.

Para o caminho sinodal das famílias tem de haver concordância com o caminho sinodal eclesial de bispos e presbíteros, pastores, contagiante na alegria e no amor a Deus. Os que estão à frente são os que têm de tomar consciência de que estão ao serviço da comunidade, conhecê-la e nela se integrar. A integração dos padres na comunidade e a perda do clericalismo far-se-ia melhor se o serviço à comunidade, por leigos e consagrados, se desenvolvesse em entreatura. A comunidade deve estar atenta ao pároco, acompanhar, ajudar o pároco. De qualquer forma, a comunidade tem de assumir a sua responsabilidade, deve "chegar-se à frente", motivar e incentivar padres e bispos na sua missão.

Casais

As vidas das famílias são muito difíceis. Os casais trabalham, ambos, principalmente em ambiente urbano ou periurbano, de 2ª a 6ª e, às vezes, mais. Tempo para transportes faz

que muitos tenham de fazer os filhos levantarem-se mais cedo do que seria a hora previsível, para os deixarem na escola a tempo de estarem a horas no emprego. Depois, é a corrida do dia, trabalho, regresso pela escola/ama/avós, jantar, limpar, deitar, de preferência cedo, mas só depois de ter ajudado os filhos nos “trabalhos de casa”. Outras vezes, dois trabalhos, mais horas de trabalho, que não deixam qualquer hipótese de acompanhamento mútuo, dos pais ou dos filhos. O sábado é para fazer as compras da semana, limpezas semanais, tratar de roupas, acompanhar os filhos a atividades diversas, desporto, escuteiros, sei lá. O domingo tenta-se que seja para descansar. Missa às 9h não, missa ao meio-dia talvez não, missa ao fim da tarde talvez.

Com esta vida difícil para dispor do tempo e do espírito, as famílias vão-se afastando entre si e da Igreja, e passam a ter um sentimento de culpa desculpável ou de pecado perdoável. E abandonam mesmo a Igreja e, atrás de si, levam os filhos. Que pode a Igreja fazer para ajudar os casais a não se sentirem em pecado, a desejarem a Eucaristia, a desejarem que os filhos não se afastem?

Os padres têm de saber isto. Quantos padres conhecem os problemas de vida dos casais? As comunidades devem desafiar os padres a reunirem-se com casais, de forma a que todos ex-

primam as dificuldades que existem, permitindo que emergam hipóteses de entreatajuda. As ENS poderão promover assembleias com os padres, e também com os diáconos, para que se discutam formas de ajudar a que as missas sejam momentos de encontros de alegria, tornando as celebrações atrativas de modo a serem desejadas.



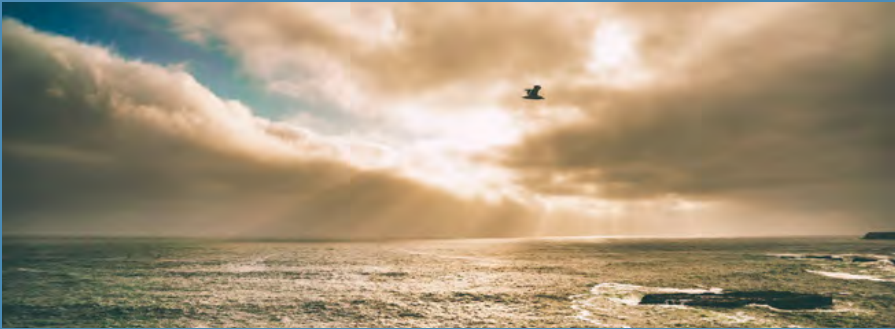
As ENS podem convidar os casais, na comunidade, a um caminho em ambiente sinodal, ajudando a analisar como estão a gerir o seu dia-a-dia e como dialogam. É preciso que a escuta tenha um lugar privilegiado, em casal, com os filhos e entre os grupos. As ENS podem colaborar em sessões de formação, tanto com leigos como com sacerdotes, para o exercício dos ministérios litúrgicos, sacramentais e presbiterais, e para o diálogo com a sociedade e a cultura. Uma formação contínua de catequistas, leitores,

SERVIR A EXEMPLO DE MARIA

cantores e acólitos, para que se mantenha a beleza e dignidade da celebração eucarística, sempre com o objetivo de abrir o coração e a mente ao convite do Evangelho, na realidade que se vive.

nar o acolhimento efetivo e alargado, para além do acolhimento pessoal?

Outros ainda representam uma situação mais complicada, querem uma família que não seja exatamente mulher e homem. Os cristãos



Que podemos pedir à Igreja para acompanhar as famílias, abrir-lhes as portas para os Sacramentos, ajudá-las a participar nas catequeses das crianças e jovens? A Igreja tem a certeza de que o Espírito Santo não falta. A Igreja paroquial deve acolher os vários movimentos familiares que existem nas suas comunidades. É importante abordar os padres e propor-lhes mudanças concretas de alteração e de formas de estar.

Outros casais decidiram-se pelo divórcio, desistiram, depois de sofrerem a falta de diálogo, de escuta, de amor. Aguentaram enquanto os filhos eram pequenos ou nem tanto. Onde buscar a felicidade? Se encontram outro potencial cônjuge, por que não o tornar real? Que pode a Igreja fazer para tor-

podem acolher, mas a Igreja como o poderá fazer? Para onde vamos sem condenar? E como?

A Igreja tem de estar aberta a todos, não pode fechar-se. Quanto maiores as dificuldades, maior esforço de acolhimento se pede à Igreja, sempre na perspetiva de que, se existe pecado, existe perdão. O acolhimento por casais cristãos, ancorados em oração e na experiência, capazes de abrir o coração e a mente à realidade, pode ser uma forma de ajuda para todos.

Todos os que quiserem ir à Igreja têm de ter lugar. Todos temos de caminhar juntos. O serviço da Igreja é mesmo para nos ajudarmos uns aos outros, como cristãos e não para "obrigar".

Jovens

Os jovens que se encontram, seja na Universidade ou no emprego, vêm de culturas muito diferentes, de vários países e de dentro do país, em muitos casos sem referências à Igreja, e são confrontados com chamamentos muito fortes, como os do sexo. Porém, não se vê que a Igreja saiba lidar com sexo, pelo que parece essencial encontrar um caminho de formação no domínio da sexualidade, quer para seminaristas e padres, quer para acompanhamento e formação de jovens.

Os jovens já não se escolhem pela forma de pensar, pelos comportamentos, pelos olhares pertinentes, antes pela imagem, pelo ambiente que os rodeia, pelos olhares convidativos, pelo desejo naturalmente forte, pelo gostar/apetecer. Podem permanecer com alguma distância mas, se sentem paixão e acreditam mesmo que amam e são amados, como fazer para viverem bem a atração sexual? Se são cristãos, o sentimento de pecado por palavras, atos e omissões já entrou antes de se entregarem um ao outro. É só mais um pouco. E, com o sentimento de pecado, vem o afastamento e a Eucaristia fica longe, já que a confissão de pecados repetidos não aparece como solução sacramental.

Muito importante fazer perceber que, se existe pecado, mais importante é

saber que existe perdão! Perante isto, sentimos que a Moral não se deve centrar no pecado, mas focar a vida cristã no viver a mensagem de Jesus, que não condenou a Samaritana.

O namoro avança, os namorados podem arranjar uma vida sexual mesmo vivendo em casa dos pais, viajando aqui ou ali. Casar, para quê? Na Igreja? Como? Se a Fé se foi perdendo e o Sacramento do Matrimónio foi perdendo sentido? Vem um filho, aborto ou vida? Pode continuar-se na casa dos pais, mas não é fácil. E ter casa própria não seria melhor? Mas é cara e dá muito trabalho. À Igreja e à comunidade compete acolher os jovens que vivem diferentes do que nós fomos. Como?



SERVIR A EXEMPLO DE MARIA

As Paróquias e os Movimentos de jovens e de casais, como as ENS, podem criar encontro e encontros, tanto para motivar os jovens sobre a importância de se manterem ligados à Igreja, apesar de se sentirem em pecado, como para que pais e avós dos jovens os ajudem a retomar um caminho cristão, um caminho para Jesus, para Deus, com Maria.

Não se pode aceitar que os jovens desapareçam da Igreja nem que fiquemos com uma Igreja de pecadores!

Muito importante é acolher, integrar e dar especial atenção aos jovens nas diferentes comunidades, não apenas do ponto de vista da evangelização, mas, sobretudo, de assumir que é preciso que os jovens tenham espaço para se envolverem na missão

de evangelização da Igreja, desenvolvendo o espírito de serviço. Destaca-se a necessidade de construir respostas na Pastoral Juvenil – em alguns casos a criação desta estrutura –, a criação de espaços/ambientes de acolhimento, partilha, escuta e conversa, bem como a de integrar os jovens na missão da Igreja, de lhes confiar missões pastorais concretas e de não ter medo de que assumam o protagonismo. Uma boa oportunidade que Deus oferece agora para este caminho é a Jornada Mundial da Juventude de 2023.

Crianças

As crianças ainda não chegaram a estes comportamentos. Mas seguem os dos pais, dos irmãos, dos amigos e familiares. A catequese já não é



atrativa, pese embora a simpatia dos catequistas. E vemos que já nem os pais os inscrevem na catequese, que dá mau jeito ao domingo de manhã. Que pode a comunidade fazer? Como podem instituições como as ENS ajudar? A Igreja poderá fazer o quê?

Os pais, os familiares, a comunidade da Igreja têm de se interessar mesmo pela Catequese e proporcionar novas ideias, novas atitudes para criar interesse em pais e filhos na vida da Catequese. Não se pretende aligeirar, o que se deseja é caminhar no conhecimento vivido de Jesus e na alegria da Sua mensagem, veiculando equilibradamente os aspetos de formalismo.

Um outro desafio que se coloca hoje à Igreja é o de formar e envolver crianças e adolescentes da catequese na vida comunitária e sacramental. Consta-se que, por vezes, o tempo de catequese nem sempre ajuda a formar cristãos com uma relação pessoal com Cristo e verdadeiramente integrados nas comunidades cristãs. A este desafio junta-se o do envolvimento das famílias das crianças e adolescentes da catequese, nem sempre conscientes da importância do seu papel no percurso catequético e comunitário dos seus educandos. É necessária uma catequese contínua, mais testemunhal, que não esteja associada apenas a determinados momentos festivos, mas acompanhe a vida toda.

Quando, ao domingo de manhã, se passa por uma "capela" de evangélicos brasileiros, ouve-se sempre cantar a muitas vozes, com alegria! Na nossa missa, há um bom coro e nós ouvimos. Mas, no domingo passado numa cidade do interior, que alegria nos contagiou uma igreja cheia, a participar e a cantar! Que será de fazer? Somos chamados a ser felizes,



à alegria! Como pode a Igreja responder? Envolvendo a assembleia e as crianças de forma a que sejam participantes e não espetadores!

E as missas, com homilia de pregador, com bons textos e orações, mas que não atraem, com cânticos em que não se participa, sem uma envolvente de alegria? Que fazer? Há dois tipos de respostas: por um lado, o celebrante pensar a Eucaristia para os fiéis celebrarem a Glória de Deus na Alegria, com homilias simples e ricas, bem focadas no público, sempre com uma das missas dominicais dirigida a crianças e jovens; por outro lado, leigos e padres dialogarem e entrea-

SERVIR A EXEMPLO DE MARIA

judarem-se para que se consiga uma participação viva e se viva a alegria da Ressurreição.

A rapaziada larga a catequese e fica entregue a nada. Os grupos de vida tratam de assuntos que interessam aos adolescentes, mas é difícil tratar o aprofundamento da Fé. Os escuteiros, por exemplo, enquadram crianças e jovens em atividades diversas em que a participação na Igreja, a orientação pelos princípios do Evangelho, a oração e a missa têm lugar. A Paróquia tem de os acolher, integrar e “aproveitar” a sua dinâmica no todo da Comunidade.



Idosos

Há frequentes anúncios sobre a necessidade de não abandonar cães, gatos, etc., mas não há referência à necessidade de não abandonar, tratar/acompanhar idosos.

O Papa Francisco não se cansa de referir o papel dos anciãos na comunidade, na família, na Igreja. A influência das alterações na família (está deixando de haver grandes famílias ...), na comunidade (esperança de vida muito elevada), na Igreja (leituras

diferentes do que é a Igreja) levam a atuações diferentes relativamente aos idosos. À Igreja e à comunidade cabe uma atitude de se aproximar dos idosos, sem os infantilizar (meu querido, minha menina, ...), promovendo que não se percam as suas capacidades. É bom que a Igreja proponha aos mais novos que não os abandonem, que não os esqueçam, que os acompanhem, que os ajudem nas suas dificuldades, que aproveitem os seus conhecimentos e histórias de vida e do passado, nomeadamente, em termos de Fé e de Igreja. A comunidade tem de estar atenta aos que estão sozinhos.

Conclusão

De um modo geral, sabemos que a Igreja procura incentivar a participação de todos os seus membros. É importante para as ENS consolidar a consciência sinodal, dando continuidade à dinâmica de caminhada conjunta numa perspetiva de caminho conjunto criativo, cimentado na oração, à escuta do Espírito Santo. É essencial que a espiritualidade conjugal, a base das ENS, se reforce no apoio às Famílias para que encontrem o caminho sinodal que leva à renovação da Igreja.

Apresentado no Encontro de Setor, Paróquia de São José de Sassoeiros, a 22 de abril de 2023

Equipa ENS Carcavelos 3, apresentação por Luísa e Luís Santos Pereira

...



Equipa Aveiro 6

Região Centro Litoral

Caros amigos,

A Equipa de Nossa Senhora Aveiro 6 teve o seu início no dia 28 de novembro de 1968, constituída por sete casais e um sacerdote.

Ao longo de todos estes anos o Senhor veio buscar muitos desses casais e o P. Arménio, nosso primeiro Conselheiro Espiritual. Outros, por motivos com certeza válidos, foram ficando pelo caminho, embora alguns continuem a fazer parte da nossa vida como grandes amigos que são.

Sempre a Equipa procurou recompor-se com entrada de novos casais: uns desistiram, outros persistiram e são hoje o resto, juntamente com o atual Conselheiro Espiritual.

Mas, “tudo o que nasce neste mundo tem um princípio, mas também tem, mais tarde ou mais cedo, um fim”. Nada é eterno. Apenas o amor e misericórdia de Deus, são eternos.

E a Equipa Aveiro 6, como Equipa, chegou ao seu fim. Do início, há quase cinquenta e cinco anos, resto eu a quem foi dada a incumbência de formalizar esta despedida e, com menos dois anos, o Augusto e a Branquinha, também a braços com problemas de saúde e com a idade. Dos restantes que foram fazendo parte da Equipa,

temos apenas o casal Cadete (Luís e Leninha) o casal Neto (Céu e João) e o Senhor Padre Nestor. Não temos quórum para nos considerarmos Equipa.

Cumprimos até ao fim os nossos deveres como Equipa: fizemos as duas cotizações deste Ano Apostólico e o nosso contributo para os “Amigos do P. Caffarel”

Terminámos como Equipa, mas continuaremos a encontrar-nos sempre que possível, para momentos de oração e partilha, como já vimos fazendo ultimamente e sempre, sempre unidos na amizade e oração uns pelos outros, mas com muitas saudades do ser EQUIPA por aquilo que o Movimento nos deu em troca do pouco que o nosso amor por ele nos levou a fazer.

Por tudo o que foi a nossa vida no Movimento, rezamos com Maria, MAGNIFICAT

Aveiro, 2 de julho de 2023





Sónia e Vítor Martins

Casal Responsável pelos Intercessores
Equipa Funchal 28

No evangelho, São Lucas narra a visitação de Maria à sua prima Isabel (Lc 1, 39-56). Ao visitar a sua prima, Maria coloca-se numa postura de saída para ir ao encontro do outro, transmitindo o grande mistério da Anunciação. Ao receber a revelação do Anjo Gabriel, a mãe de Jesus põe-se ao serviço para ajudar a sua prima, não retendo para si mesma a graça que havia acabado de receber. Foi o mote do caderno de temas trabalhado no ano de atividades que finalizamos: “Servir a exemplo de Maria”. E nesse episódio está também sedimentado o tema das JMJ 2023 que o nosso país entusiasticamente acolheu!



Numa das suas homílias sobre a Visitação de Maria, em 2016, o Papa Francisco chamou a atenção para o papel do cristão representado por Nossa Senhora: “*O serviço é sinal cristão. Quem não vive para servir, não serve para viver*”.

Abraçamos o serviço como Intercessores em janeiro/2015 desafiados pelo Casal Responsável de Setor na altura. Ao longo dos anos, inseridos no Movimento das ENS, fomos percebendo o sentido profundo da oração de Intercessão. Optamos pela “modalidade” de Intercessores orantes. Algum tempo depois, aceitamos o desafio de divulgar a Família dos Intercessores cá na Região. Aproveitávamos as atividades do próprio Movimento para essa divulgação, os retiros, os encontros, as Eucaristias,... serviam de base para o convite – casal a casal, os pedidos de oração confiados e assim, fomos crescendo na Região, conscientes que aquele que se disponibiliza para este serviço, torna-se um coração que, além de atento, envolve -se com a necessidade, une-se às dificuldades, aos sofrimentos dos nossos irmãos que se encontram num momento de maior fragilidade. Assumindo a nossa pequenez própria de um ilhéu, há alguns anos aceitamos a responsabilidade de Casal Responsável dos Intercessores da Supra-Região de Portugal.

Maria, além de modelo de abertura à vontade do Pai, de estar disponível ao serviço, de se voluntariar e partir rapidamente ao encontro daqueles

mais necessitados, é igualmente modelo de intercessora. Ela estava atenta no episódio das Bodas de Canã e foi ela que intercedeu com confiança ao seu Filho Jesus, identificando as necessidades daquele casal que iniciava a sua caminhada conjugal, dando assim início ao registo dos milagres de Jesus na Sua missão.

O Pe. Caffarel muito cedo sentiu que o Movimento precisava de um “aporte vitamínico”: equipistas que se disponibilizassem para a oração em cadeia (individualmente ou em casal). Mais tarde, essa possibilidade foi aberta a voluntários fora do Movimento. Ou seja, qualquer pessoa pode assumir voluntariamente a este serviço: disponibilizar-se para rezar 1h/MÊS pelas intenções confiadas por aqueles que solicitam oração. São os Intercessores orantes. Mas também existe a possibilidade de oferecer as suas provações diárias por essas mesmas intenções ou eventualmente um dia de jejum.

Qualquer pessoa pode bater à porta de um orante e encontrar nele ou nela um coração compassivo, que reza sem excluir ninguém. A oração é o nosso coração e a nossa voz, e faz-se coração e voz de muitas pessoas que pretendem alcançar o coração compassivo do pai, que não sabem rezar ou não rezam, ou não querem rezar ou estão impossibilitadas de o fazer: somos o coração e a voz destas pessoas, que se elevam até Jesus, ao Pai, somos intercessores. O intercessor reza pelo mundo inteiro,

reza por todos e por cada pessoa que se identifica ou anónima: é como se nos tornássemos a “antena” de Deus neste mundo que amplifica o seu clamor.

É isso que como casal sentimos e “beneficiamos” como Intercessores: mais uma oportunidade de uma hora por Mês, estarmos juntos a rezar, não por nós, mas por aqueles que humildemente se confiam às nossas orações: porque acreditamos no poder da Oração em cadeia. Fisicamente os dois, espiritualmente com Deus e todos os que trazemos e encomendamos ao Senhor.



Este momento que a Igreja Católica portuguesa viveu ao acolher os peregrinos das JMJ2023, seja também um momento de muitas bênçãos e graças! Temos a certeza que muitos casais equipistas e intercessores foram “famílias de acolhimento” e com certeza terão tido experiências de oração intensas, entre as quais de Intercessão. Que também esse seja um motor de, com coragem abraçarmos o serviço de oração de Intercessão. E se assim o desejarem, basta enviarem os dados para o mail dos Intercessores e serão acolhidos nesta Família dos Intercessores! Bem-vindos!



Fernanda e António Felgueiras

Casal Correspondente da Associação dos Amigos do Padre Caffarel
Equipa Braga 14

Pensamento do Padre Caffarel

Queridos equipistas,

Eis-nos, de novo, a tentar destacar algumas ideias do pensamento do Pe. Caffarel, desta vez sobre o papel de Maria e do seu exemplo, sempre ao serviço do seu Filho, dos apóstolos e, certamente, dos que a rodeavam.

Os Evangelhos são parcos em referências a Maria. Assim, deduzimos que as reflexões do Pe. Caffarel sobre o serviço de Maria se centram, essencialmente, nas passagens em que Maria, logo após a Anunciação, vai oferecer o seu apoio à prima Isabel, bem como nas bodas de Caná em que, com a sua atenção aos outros, vai induzir o primeiro milagre de Jesus.

No livro "Amor e Graça" (pp 104, 105), escrevia Caffarel: "A festa da Anunciação comemora a humildade e fervorosa resposta dada a Deus por Maria: FIAT! SIM! É a festa do consentimento da Virgem na inimaginável proposta divina". "Toda a vida de Maria, comprometida pelo SIM da Anunciação,

foi uma ascensão contínua de amor" ...e ainda (pp 246 e 249) "Nos Atos dos Apóstolos ... pressentimos a sua presença humilde e discreta no meio de todos os filhos que vivem na alegre exaltação dos dias seguintes ao Pentecostes". ... "Tudo nos faz pensar que o esplendor de Maria será sempre crescente, que a sua influência, que é tão forte na nossa civilização cristã, se estenderá ao mundo inteiro ... Ela ensina-nos qual deve ser a atitude da criatura perante Deus: oferta e acolhimento, alegre submissão".





Na carta mensal nº 8 em que o Pe. Caffarel conta a evolução da designação do nosso Movimento END (ENS), enquanto grupo de casais, dizia ele: "Agrupai-vos para procurar Cristo, para O imitar, para O servir. Não conseguireis sem uma guia. E não há melhor do que a Virgem". ... "gostaria que as nossas equipas se aperfeiçoassem na fé, na onnipotente ternura da Virgem ... então as equipas serão protegidas contra o intelectualismo e o espírito crítico - é esse um dos principais benefícios da intimidade do cristão com a Virgem."

Caffarel mostra-nos como Maria se relacionava com Deus (Na presença de Deus. p. 133). quando "canta

um puríssimo canto de louvor Àquele que se dignou inclinar-se para a sua pequenez e fazer nela grandes coisas".

A obra do Pe. Caffarel é vasta, abrangendo temas muito diversos. Neles destacamos a Espiritualidade, mas também as propostas para o acolhimento e serviço, a exemplo de Maria, quer na família, quer na igreja, quer na sociedade.

Façamos nós também, membros das ENS, pequenas "grandes coisas" em prol dos nossos irmãos, particularmente dos mais necessitados, lembrando o que disse Nossa Senhora a Jesus nas bodas da Caná: "Eles não têm vinho".

Atenção!

Já aderiu à **Associação dos Amigos do Padre Caffarel**, contribuindo assim para a Causa da sua beatificação?

Para aderir, basta comunicar essa intenção ao Casal Correspondente
(pe.caffarel@ens.pt)

ou ao Secretariado
(ens@ens.pt)



**Pe. Ricardo
Londoño Domínguez**
Conselheiro Espiritual da ERI

Mensagem do **Conselheiro** Espiritual da ERI

A internacionalidade das Equipas de Nossa Senhora

Há dois anos, a ERI publicou o livro *“Desenvolvimento e internacionalização do Movimento das Equipas de Nossa Senhora”* e quis oferecer a todos os equipistas uma visão geral da expansão do Movimento no tempo e no espaço e acompanhá-la com algumas reflexões sobre a formação e os fundamentos básicos da vida e do desenvolvimento das Equipas de Nossa Senhora.

A introdução lembrou, com razão, a alegria do Padre Caffarel ao ver o crescimento das ENS no Brasil e também mencionou sua preocupação com o fato de que a rápida disseminação do Movimento não deveria diminuir o compromisso com uma formação profunda e séria.

Quando contemplamos o que aconteceu ao longo dos anos desde 1939, podemos ver como, ano após ano, as ENS cobriram a geografia da nossa Casa Comum. A publicação da ERI fala de “ondas expansivas” no aumento da presença e da participação (entre

1939 e 1959, 20 países; entre 1960 e 1969, outros 9; entre 1970 e o final do século XX, outros 22 países foram acrescentados; e até agora, neste século, vemos 33 novos países).

Atualmente, há mais de 90 territórios nacionais onde as Equipas estão presentes. Um número respeitável e significativo.

Pensar nessa dimensão internacional nos leva-nos a repensar mais uma vez o significado do que estamos vivendo e do que estamos fazendo. Porque não se trata de pensar em como nos tornarmos propagandistas ansiosos por estar presentes em muitos lugares, nem de transformar o nosso Movimento num grupo de proselitistas ansiosos por cobrir territórios de forma desenfreada. Não. O sentido da internacionalidade deve ser fundamentalmente o da preocupação permanente de que o dom da graça de Deus, que se faz presente na vida dos casais por meio dos Sacramentos, possa ser apreciado e vivido por mais casais no mundo.

É por isso que a preocupação do nosso fundador deve-se tornar uma preo-

cupação constante para todos nós. O crescimento quantitativo deve necessariamente andar de mãos dadas com mais e melhor formação. Tem sido um desejo consciente da ERI que a formação contínua dos equipistas esteja na vanguarda do seu trabalho.

A internacionalidade, uma característica que responde à **catolicidade** da Igreja, permitiu-nos apreciar como, em diferentes culturas e diferentes países, vemos os interesses, as preocupações e os problemas comuns à realidade da vida dos casais. A internacionalidade enriquece a experiência, o conhecimento e a diversidade. Implica reconhecer que, apesar das diferenças que possam aparecer, compartilhamos um carisma comum e a nossa vocação tem repercussões noutros horizontes. Na internacionalidade, todos somos enriquecidos.

E é bom ter em mente que, desde o início, a ideia não era criar uma espécie de “federação” de grupos em diferentes lugares ou autonomias nacionais associadas, mas manter a unidade de um único Movimento na riqueza e na diversidade das nações. E isso tem sido visto como possível e louvável. Por essa razão, a dimensão internacional promove a **unidade** e aumenta o sentimento de pertença à Igreja de Jesus Cristo e às Equipas de Nossa Senhora.

Desde que o **carisma**, a **mística** e a **pedagogia** das Equipas de Nossa

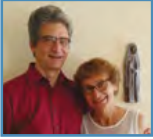
Senhora sejam fielmente mantidos, essa unidade pode ser garantida na multiplicidade de lugares, línguas e culturas.

Uma característica da nossa internacionalidade e um sinal do desejo de intercâmbio entre os equipistas de diferentes origens é a institucionalização dos Encontros Internacionais. Lourdes, Roma, Fátima, Santiago de Compostela, Brasília... viram a chegada de milhares de equipistas de diferentes lugares para os seus respetivos encontros a cada seis anos.



A cidade de Turim, na encantadora Itália, será o local do nosso próximo Encontro Internacional. Uma nova oportunidade de vivenciar esse mesmo sentido de unidade na internacionalidade das Equipas de Nossa Senhora.

Que o Senhor nos conceda viver com fé, esperança e amor o entusiasmo de compartilhar juntos a opção de vida e os testemunhos de outros irmãos e irmãs no mundo.



Thérèse e Antoine LECLERC

Casal Ligação para a Zona Europa Central

Mensagem do Casal Responsável para a Zona Europa-Central

A internacionalidade das Equipas de Nossa Senhora

1. Um pouco de história

O nascimento das Equipas de Nossa Senhora remonta a 25 de fevereiro de 1939, em França, quando quatro casais se reuniram pela primeira vez com o Pe. Caffarel num apartamento em Paris. Respondendo ao seu convite: "Busquemos juntos, com toda a abertura de coração, compreender a maneira como Deus olha para nossos lares, para que possamos responder melhor ao seu chamamento". Esses casais tinham vindo anteriormente para perguntar ao Pe. Caffarel: "Como é que a nossa vida, cheia de felicidade humana, de preocupações e de apego aos filhos, nos permite responder plenamente à exigência de amor de nosso Deus? Essa exigência de santidade também se aplica às pessoas casadas? E o Pe. Caffarel respondeu: "Certamente diz respeito a vocês também! 25 de fevereiro de 1989: a primeira equipa reuniu-se com 4 ca-

sais e um sacerdote, o Pe. Caffarel. Hoje, pouco mais de 80 anos depois, o Movimento das Equipas de Nossa Senhora está presente em mais de 92 países nos cinco continentes. Que expansão extraordinária! Essa expansão faz lembrar os Atos dos Apóstolos, onde o número de discípulos continua a crescer e a multiplicar-se, graças ao seu zelo missionário de semear a Boa Nova em toda a parte, sob a influência do Espírito Santo. E o Movimento continua a crescer atualmente, principalmente na América Latina, na África e na Europa Oriental. O ator principal dessa expansão surpreendente e ma-



ravilhosa é o Espírito Santo, que insufla um espírito missionário nos casais que estão a realizar essa expansão, preservando a unidade do Movimento. Mas, em termos concretos, como se deu essa expansão? Poderíamos dizer que ela se deu em quatro ondas diferentes. A primeira onda de expansão (1939-1959) foi composta pelos 20 países que receberam a influência direta do Pe. Caffarel, seja porque ele iniciou pessoalmente as equipas, seja porque participou diretamente da formação espiritual delas, seja porque deu incentivo decisivo aos fundadores, como foi o caso da Inglaterra. Na França, o número de Equipas de Nossa Senhora cresceu muito rapidamente. Os casais ficavam felizes em contar aos seus amigos sobre o Movimento, um movimento que respondia às suas aspirações. “O período de 1937 a 1940 foi decisivo. Uma geração de jovens casais viu-se irresistivelmente impelida a perguntar ao Senhor sobre as riquezas cristãs do amor e do casamento (...) Dois amores eram a sua força, a sua alegria, a sua razão de viver: o amor de Cristo e o seu amor conjugal. Eles aspiravam a responder sem reservas aos apelos um do outro”. A segunda onda de expansão (1956-1969) correspondeu aos 9 países que foram influenciados por aqueles que conheciam o Pe. Caffarel. Os membros da equipa dirigente e alguns padres amigos do Pe. Caffarel desempenharam um papel importante.



A terceira onda de expansão (1970-1999) corresponde aos 22 países que foram influenciados por aqueles que conheceram indiretamente o Pe. Caffarel. E, finalmente, a quarta onda de expansão (2000 até o momento) corresponde aos 33 países que foram influenciados por casais convencidos da importância e dos benefícios do Movimento. Para saber mais sobre a história do Movimento e reconhecer a ação do Espírito Santo na sua expansão, convidamos a que leiam o excelente livro “Desenvolvimento e internacionalização do Movimento das Equipas de Nossa Senhora”, publicado em junho de 2021 pela ERI nos 5 idiomas do Movimento.



2. Os frutos da internacionalidade

Divulgando a palavra

O primeiro fruto da internacionalidade é permitir que um maior número possível de casais faça parte do Movimento das ENS e, assim, que venham a beneficiar da sua pedagogia e do seu carisma. Se o Movimento não tivesse atravessado fronteiras, haveria apenas franceses nas equipas. Essa sempre foi uma prioridade do Movimento: espalhar-se por todo o mundo. No Pentecostes, todo o cristão recebe o Espírito Santo e é enviado em missão, ou seja, chamado a proclamar a Boa Nova ao mundo inteiro.

Uma visão mais ampla

Se a internacionalidade do Movimento permite que mais casais façam parte dele, ela também permite

que cada casal seja uma parte melhor do Movimento, aprofundando as graças do sacramento do Matrimónio. Dentro de uma equipa, as formas de viver e praticar os Pontos Concretos de Esforço variam. Alguns casais sentem-se à vontade com o Dever de Sentar-se, enquanto outros praticam a oração mais prontamente, mas têm dificuldade com a oração conjugal. Compartilhar os Pontos Concretos de Esforço com outros casais na reunião mensal da equipa permite que cada casal faça progressos nos seus pontos fracos; e quando eles conseguem praticar bem um PCE e compartilhá-lo, isso é um estímulo para os outros casais. Essa fecundidade da partilha no seio da equipa também pode ser encontrada ao nível de Setor, de Região ou da Supra-Região. Essa diversidade de casais, Equipas, Setores, Regiões e Supra-Regiões, por meio de encontros e intercâmbios, enriquece a maneira como vivemos os PCEs, animamos as equipas e conduzimos as formações. Essa variedade de maneiras de se apropriar da pedagogia das ENS é ainda mais evidente ao nível internacional, porque todos nós somos marcados pela cultura do país em que vivemos. É uma grande oportunidade de beneficiarmos da experiência de outros países, de outras culturas que nos estimulam a ir cada vez

mais longe no caminho da santidade. Lembramo-nos de ter participado numa reunião de equipa em África; ficámos impressionados com o rigor com que os casais se questionavam mutuamente no momento da partilha sobre os PCEs, para não esquecer nenhum ponto; isso nos encorajou depois a propor mais rigor na nossa equipa de

Destacando o sacramento do Matrimónio

A maneira como o casamento é visto e vivenciado varia muito de uma época e de um país para outro. Grande parte dessa variedade está ligada à cultura. No entanto, o Sacramento do Matrimónio é universal, transcendendo todas as culturas. Um casal unido pelo Sacramento do Matrimónio recebe graças abundantes que lhe permitem aproximar-se de Deus no caminho da santidade. Conhecer outros casais unidos pelo mesmo Sacramento do Matrimónio ajuda a destacar o que é universal e o que é ligado à cultura e varia de acordo com as situações. Isso nos ajuda a perceber que o amor que Deus nos dá no Matrimónio é muito maior do que as maneiras pelas quais o vivemos.

Um testemunho de paz

Num mundo onde ainda há muitos conflitos e guerras, o Movimento das ENS testemunha, por meio da sua

diversidade, que o amor de Deus é maior do que as divisões humanas. Quando casais de diferentes países, às vezes em desacordo ou em conflito, se encontram, oram e compartilham juntos, é um belo testemunho de que as relações internacionais não devem ser reduzidas a um equilíbrio de poder, mas também são um lugar de fraternidade.



3. Os desafios da internacionalidade

O carácter internacional do Movimento é uma oportunidade inestimável que gera muitos frutos. Mas, do ponto de vista prático, há dificuldades a serem superadas.

Aspetos linguísticos

A primeira dificuldade na troca e no compartilhamento é a compreensão mútua quando não se fala o mesmo

CORREIO DA ERI

idioma. Portanto, tivemos que estabelecer algumas regras e procedimentos operacionais. O idioma oficial é o francês. Portanto, os documentos oficiais são redigidos em francês, que também é o idioma de trabalho da Equipe Responsável Internacional. Cinco idiomas principais são, no entanto, usados nos intercâmbios internacionais: francês, inglês, espanhol, português e italiano. Todos os documentos relevantes que são distribuídos a todas as Supra-Regiões (SR) e Regiões (RR) são, portanto, traduzidos e distribuídos nos 5 idiomas. O site internacional do Movimento também deve estar acessível nesses cinco idiomas. Os trabalhos do Colégio Internacional, que reúne os responsáveis das SR e

RR com a ERI todos os anos, também são traduzidos para os cinco idiomas. Um grande esforço de tradução também é feito por muitas SR e RR nos quais outros idiomas são usados. Os documentos básicos (livros de pilotagem, tema do estudo, etc.) devem ser traduzidos para o idioma falado por cada equipa. Em reuniões e encontros de SRs com vários idiomas, é necessário implementar sistemas que permitam a participação de todos. Esse é um esforço significativo, que está dando os seus frutos. No Pentecostes de 2022, participámos numa reunião da SR Polónia e Europa Central em Czestochowa, e podíamos ouvir polaco, checo, húngaro, letão, lituano, russo, ucraniano, inglês, francês



e alemão; e, como os discípulos de Jesus nos Atos dos Apóstolos, todos nós entendemos que o Espírito Santo nos havia sido dado e que estávamos sendo enviados em missão. Foi uma manifestação magnífica da presença do Espírito Santo entre nós.

Aspetos culturais

Além do idioma, as diferenças culturais às vezes dificultam a compreensão mútua. Nem todos prestamos atenção às mesmas prioridades ou aos mesmos aspetos dos eventos. E quando conhecemos alguém, há o risco de não ouvirmos corretamente e não entendermos o que a outra pessoa está a dizer. Isso exige que todos se esforcem para ouvir e ser pacientes. Precisamos olhar para a pessoa com quem estamos conversando com os olhos amorosos de Jesus, olhos que veem a outra pessoa como um filho de Deus que tem algo bonito para me comunicar e que eu preciso ouvir e acolher.

O desafio da unidade

Quando não falamos o mesmo idioma, quando a nossa cultura nos leva a ter sensibilidades e prioridades diferentes, há o risco de que cada país faça as suas próprias escolhas e que a unidade do Movimento das ENS seja ameaçada. Isso faria com que não compartilhássemos mais a mesma riqueza, e os frutos da internacionalidade descritos acima se-

riam perdidos. Para que a unidade seja preservada, cabe a todos (SR, RR, ERI) fazer um esforço acrescido. As ferramentas estão à nossa disposição e devem ser usadas; as adaptações locais dessas ferramentas devem ser escolhidas com discernimento para que produzam melhores frutos, sem ameaçar a unidade. A reflexão atual sobre a sinodalidade em toda a Igreja devemos ajudar nessa direção.



As ferramentas da unidade no nosso Movimento incluem: (i) O Colégio Internacional todos os anos; (ii) O grande Encontro Internacional a cada 6 anos; (iii) As formações definidas em nível internacional; (iv) O tema do estudo anual; (v) O Correio ERI, que é reutilizado em cartas de cada país/SR/RR • Guia das ENS; (vi) Etc, etc...

Desejamos a todos uma experiência alegre e proveitosa da dimensão internacional do Movimento.



“Eu sou a Ressurreição e a Vida; aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e **todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá eternamente**” Jo 11, 25-26

† **Maria Helena Cardoso Oliveira Cabral Martins da Silva**

Equipa Porto 33, 11 de junho 2023

† **Maria de Lurdes Costa Nogueira dos Santos**

Equipa Aveiro 21, 28 de julho de 2023

† **Maria da Luz da Silva Tavares Bispo**

Equipa Aveiro 19, 8 de agosto de 2023

Ficha Técnica

Carta das Equipas de Nossa Senhora

Ano 56

Nº81, 2023

Diretor

José Machado da Silva

Equipa Redatorial

Marta e Gonçalo Castilho dos Santos

Equipa da Supra-Região

Design

Arco da Velha

E-mail

carta@ens.pt

Propriedade, Administração e Editor

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Movimento de Espiritualidade Conjugal

Associação das Equipas de Nossa Senhora

NIF: 501 753 265

Rua do Centro Cultural, n.º 5, R/C, Salas 9 e 11,

1700-106 Lisboa, Portugal

T: 216 097 677 | TM: 925 826 364

E-mail: **ens@ens.pt** | Web: **www.ens.pt**

Tiragem deste número: **5.000 exemplares**

Gráfica: **Exibitat**

Publicação trimestral disponibilizada gratuitamente a todos os membros das ENS.



Oração à Sagrada Família

Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
confiantes, a Vós nos consagramos.
Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.
Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais haja nas famílias
episódios de violência, de fechamento e divisão;
e quem tiver sido ferido ou escandalizado
seja rapidamente consolado e curado.
Sagrada Família de Nazaré,
fazei que todos nos tornemos conscientes
do carácter sagrado e inviolável da família,
da sua beleza no projeto de Deus.
Jesus, Maria e José,
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica.
Ámen.

(Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, 325)